

1961 – SISTEMA U!

Por: Claus Jorge Süffert

Eu vivi a época da introdução da maior revolução tática da história do punhobol moderno – o U – mas foi somente em 1998 que fiquei sabendo da sua origem...

Vamos aos fatos.

Em 1960 iniciou-se um forte intercâmbio com equipes argentinas: se efetuou um primeiro torneio sul-americano, em Buenos Aires, do qual eu não participei. Lá estiveram 15 de Campo Bom e Ginástica de NH, que enfrentaram o grande time da época, o Villa Ballester, e de lá trouxeram a novidade.

Para o sul-americano de 1961 – o primeiro oficial realizado (seleções), adotamos a nova formação e com ela entramos no campeonato.

No fundo de U da seleção o Cláudio Scherer (NH) e eu disputávamos a posição, e ele, merecidamente, foi o escolhido. Defendia bem, e, quando chamado a bater, tinha uma batida segura e “esperta”, tipo “enfiada” nos lados, fazendo muitos pontos – até porque era uma batida bem diferente do batedor titular da época, o Vitor Körbes, que atacava na base de muita força.

Depois daquele sul-americano, passamos a alternar o U e o X, durante vários anos. Me lembro que a gente mudava a formação várias vezes, durante uma partida!

Os alemães tiveram o primeiro contato com nosso sistema em 65, quando a seleção deles excursionou pela América do Sul.

Em 1968, no primeiro mundial, ninguém conhecia, lá, esta formação.

Eu não saí jogando, no primeiro jogo, contra a Suíça, e fiquei caminhando em redor do campo, para ouvir os comentários dos torcedores. Para eles, um time sul-americano era absoluta novidade, e eles riam da nossa formação, se divertindo porque nós levaríamos um “baile” dos alemães se entrássemos em campo daquele jeito...

Viramos o jogo e ganhamos da Suíça, e daí por diante eles começaram a respeitar nosso sistema.

Na semi-final, contra a Áustria, os risos já se tinham transformado em preocupações...

O tempo passou, e até 1988 o U ainda era quase que exclusivamente coisa dos brasileiros. Foi nossa vitória no mundial inter-clubes daquele ano que deve ter demonstrado, definitivamente, ao mundo, a viabilidade da nossa formação.

Jogando num campo muito duro, e contando com dois dianteiros rápidos na curta, nós amordaçamos o Hagen e chegamos ao primeiro título mundial da nossa história.

A partir daí, o sistema foi se alastrando pela Europa. O Full foi o primeiro a praticá-lo regularmente. Lembro que na nossa excursão de 1992, todos os vencedores dos grandes torneios, sem exceção, formaram em U !

Eu acho que fui o primeiro, na Sogipa, a dominar esta posição. Como meu companheiro Carioca, nosso outro batedor, não defendia, eu passei ao fundo de U, vindo para a segunda batida. E sempre gostei muito desta posição.

Grandes jogadores de nossa história passaram por ela. O Geraldo, era muito coordenado e rápido, apenas defendia, mas era excelente; faleceu muito jovem, pouco chegou a jogar entre os adultos.

Talvez o seguinte astro na função tenha sido o Garay, talvez o mais rápido U da nossa história.

Depois dele o Vasques, o mais espetacular, o Gastão, que interrompeu sua brilhante trajetória nesta posição quando passou um ano na Alemanha. O Gerson, que deve ter sido o U que assumiu a maior faixa de terreno, e finalmente o Picoli – estes são os nomes que eu me lembro de alinhar como os grandes, na nossa história, nesta posição.

Esqueci alguém?

O U ganhou uma importância com alguns deles pelo fato de lhes permitir uma visão de todo o campo e com isto funcionar como um líder da equipe. A função variou muito, ao longo do tempo: quando começamos, jamais se pensava que um U pudesse ir na curta, como tantas vezes vi o Picoli aparecendo quase que milagrosa e inesperadamente. Quem ia na curta eram os laterais – ou os dianteiros, como no caso do nosso time de 1988.

Em 1998, durante o sul-americano em Buenos Aires, o Roberto Penz, que jogava na seleção deles em 1961, me contou que o batedor vira esta colocação num time alemão (ele era engenheiro da Siemens). E que eles treinaram em segredo, visando neutralizar a tremenda “porrada” que era o saque “martelo” do Vitor Körbes.

Assim, na realidade, o U foi inventado pelos alemães – mas nós tivemos o mérito de adotá-lo como prática normal de jogo, e usá-lo contra os seus criadores...